

Bom dia a todos(as)!

Minha cordial saudação a todos os estudantes e educadores que fazem acontecer mais esta edição do 9º MUN. Manifesto minha alegria por poder estar aqui, nesta cerimônia de abertura de um evento que, certamente, será muito mais que uma mera simulação diplomática de excelência promovida por nossa Instituição.

Hoje é dia de Santa Terezinha do Menino Jesus, Doutora da Igreja, uma mulher que nunca saiu do Carmelo, mas que, ainda assim, tornou-se Patrona das Missões, ao lado de São Francisco Xavier, um dos primeiros companheiros de Santo Inácio de Loyola, na fundação da Companhia de Jesus, celebrada no último domingo. Mesmo não tendo saído das fronteiras do Carmelo, Terezinha tornou-se universal, porque sua vocação sempre foi o amor, fazendo cair uma chuva de rosas, transformadas em bênçãos sobre a Terra. Inspirados, pois, no exemplo desta jovem francesa, que morreu aos 24 anos de idade, vamos propor, nestes dias, muitas discussões em torno de aspectos regulatórios, jurídicos e éticos, quando nos referimos ao contexto de guerras, contra o qual o Papa Leão XIV tem se levantado, valendo lembrar sua recente visita à França, finalizada esta semana, na cidade de Metz, invocando a reconciliação e a paz entre as Nações. Se Francisco foi às periferias, Leão XIV tem preferido gastar tempo em viagens apostólicas a alguns países-chave para a ordem mundial, sobretudo na Europa, segundo um analista, a fim de maior assertividade por esta paz tão desejada.

No entanto, como sabemos, não basta a paz, fruto da ausência de guerras, dado que, como diz o Evangelho, a paz é fruto da justiça e de relações dignas entre os seres humanos que tenham seus direitos humanos garantidos, como cidadãos cumpridores dos seus deveres. Justiça, por exemplo, são relações que se ajustam, conforme os cenários se nos apresentam e as condições de possibilidade que vamos experimentando, mais ainda quando falamos em perspectiva eleitoral, a poucos dias de um dos pleitos mais importantes para a democracia no Brasil.

Que haja, portanto, respeito mútuo, planos consistentes, vontade política verdadeira, aspectos que possam salvaguardar o ambiente de crise generalizada em que vivemos, com debates saudáveis e menos manobras ou escândalos aviltantes, envolvendo grande parcela dos que poderiam contribuir para a justiça e a isonomia. Nessa perspectiva, somos, também, provocados a pensar em nossas vidas neste microcosmo, que é o Colégio Loyola, evidenciando nosso modo de ser e de proceder, como educação e pedagogia inicianas, do macro ao micro, no uso que fazemos das coisas e nas relações com as pessoas com as quais convivemos. Urge sairmos da reprodução de esquemas pré-estabelecidos que negam a vida e o respeito às pessoas quando se desprezam os outros vitimados por atos de racismo, xenofobia, misoginia, homofobia ou naturalizando entre nós ações que têm vandalizado nossos espaços educativos. Peço que considerem, verdadeiramente, essas questões, visto que, infelizmente, muito disso se encontra reproduzido diuturnamente dentro dos nossos espaços educativos. Que simulação queremos viver, se estamos vivendo isso entre nós e nas nossas relações? Que resposta podemos dar, de modo concreto a esses comportamentos disseminados nas

nossas fileiras internas? Vale a reflexão e a discussão dessas e de outras temáticas que gerem uma mudança de atitude, pois mais que um simulacro esta é a nossa realidade mais gritante.

Esperamos que vocês proponham e alcancem níveis de excelência, sobretudo em nossas rotinas de convivência social, ousem regimes de boas práticas e de boas convivências entre todos nós, com plenas condições de ações que nos conduzam a combater tudo o que nos desumaniza, sabendo que respondemos legalmente pelas consequências dos nossos atos, para além de qualquer via punitiva que se instaure, posto que somos uma instituição educativa por excelência, mas respaldada por órgãos públicos que vêm atestando a seriedade e a serenidade de nossas decisões, discernimentos comunitários e encaminhamentos.

Que não nos faltem, portanto, ocasiões para vermos nascer processos novos, acompanhá-los e avaliá-los¹, como destacava o Papa Francisco, de saudosa memória, sobretudo porque dizem respeito à real incidência que esses procedimentos têm na vida das pessoas e de todo um ecossistema. Que sejam projetos robustos e factíveis, no que podemos nomear como proposições reais e razoáveis, porque passam pela razoabilidade e nos fazem pensar na ética do cuidado: cuidado de si, cuidado dos outros, cuidado com os outros, cuidado do mundo, da Casa Comum, como verdadeiros ministros da reconciliação, como vem insistindo a Companhia de Jesus em seus últimos documentos, para restaurar nossas relações, em vista de um bem maior e mais universal, disponível e ao alcance de um número cada vez mais crescente de indivíduos. Não se esqueçam, para chegar aí, cada um de nós tem de fazer um esforço de sair do próprio amor, do próprio querer e do próprio interesse (EE 189).

Por tudo isso, compreender a dinâmica de um evento como este que se propõe e se dispõe a discutir conceitos e possibilidades, desafia-nos a pensar na nossa humanidade e em seus respectivos campos de atuação. Meu interesse aqui, portanto, é apenas o de ressaltar a importância de que hoje a filosofia, a arte e as ciências entrem em relações de ressonância mútua e em relações de troca, por razões intrínsecas, como veremos ao longo destes dias, a partir da contribuição de cada um de vocês, que pretendem ser *homens e mulheres para os demais* e também *homens e mulheres com os demais*, como nos recordaram os Padres Gerais da Companhia de Jesus, respectivamente, Pedro Arrupe e Padre Kolvenbach, para os quais temáticas desafiadoras como estas que temos diante de nós eram irrenunciáveis, refletindo sobre nossas formas legítimas de pertença, realização pessoal e modos de crescimento e inter-relações.

Vale lembrar que sempre trabalhamos em vários, com todo sentido do ser comunitário que isso invoca ao pensarmos em tornar ainda mais visível nossa identidade e missão, como o Colégio Loyola que somos, nesta cidade de Belo Horizonte, na esteira da tradição viva da nossa Rede Jesuíta de Educação, que se atualiza na prática do discernimento, em variados níveis, considerando o ser humano e suas formas de ação e de participação, com vistas à equidade e a um

¹ Cf. FRANCISCO, Papa. ***Evangelii gaudium*** (223). Exortação apostólica pós-sinodal.

desenvolvimento sustentável, quando tratamos de atitudes e meios concretos, fecundos e eficazes de transformações urgentes e necessárias.

Esperamos que, nestes dias, entre vocês façam um compromisso com a verdade, levado adiante por ações e proposições responsáveis, em vista do desenvolvimento da criatividade e da análise crítica da realidade, à luz dos princípios cristãos. Que possa existir, ainda, um compromisso de vivência profunda da fraternidade, manifestada no relacionamento interpessoal, tendo o diálogo como modo de compreensão mútua e de superação das dificuldades, com sinceridade e simplicidade no agir, na primazia do bem comum sobre os interesses individuais, no desenvolvimento do espírito de solidariedade e da cooperação em lugar da mera competição, na sensibilidade às necessidades do outro, nascida da disponibilidade de quem entrou aqui, um dia, para aprender e sairá para amar e servir no mundo. Lugar não muito tranquilo para se estar, quando se trata de fronteiras geográficas e existenciais. Nossa postura precisa traçar mapas de esperança!

Dito isso é bom que estejamos conscientes de que não queremos nem nos propomos a eliminar as fronteiras. Uma ecologia científica permanecerá impotente se não acarretar novos comportamentos sociais e políticos, com esses atravessamentos reais e dinâmicos do dia a dia, no encontro com os outros, a fim de provocar uma profunda transformação das nossas mentalidades. Por conseguinte, o exercício a fazer vai ver-se obrigado a se modificar permanentemente, ampliando nossos horizontes, sem implicar, entretanto, nesse movimento, uma perda de rigor, mas uma mudança de atitude em relação aos nossos interlocutores e até em relação a nós mesmos e a nossas posturas... ser mais com os demais passa por aí: é preciso, antes, ser mais com a gente mesmo e crescer em muitas dimensões da nossa existência.

Novas formas de vida doméstica são necessárias e irrenunciáveis, bem como novas práticas de vizinhança, de cooperação e de solidariedade, de educação, de cultura e de esporte, de cuidados com as crianças, com os idosos, com os deficientes. Afinal, ainda não atingimos uma consciência coletiva de que os meios de mudar a vida e criar um novo estilo de atividade, novos valores, estão ao nosso alcance e dependem em larga escala da orientação do nosso modo de ser e de proceder. Isto é: nossa elaboração cognitiva é inseparável do engajamento humano e da escolha de valores que todo esse processo implica. É evidente que todo e qualquer processo de mudança, qualquer emulação coletiva só podem ter origem, quando se inscrevem num profundo desejo de transformação da nossa condição humana.

Pois bem, as questões levantadas e a serem discutidas por vocês são interdisciplinares, porque transdisciplinares e pluridisciplinares, visto que problematizam questões locais, a partir de horizontes que consideram o conjunto da vida. O outro é um mundo! Desejo conhecê-lo, de fato? A partir de onde essas questões me provocam? O que elas dizem de mim? Encorajamos vocês a pensarem e a proporem perspectivas reais e emancipatórias, dispostas a romper com colonialismos e padrões, em vista de uma transversalidade entre a ciência, o social, o ético, o estético e o político, pensando em intervenções mais próximas dos ecossistemas da nossa vida cotidiana.

Meus caros amigos, precisamos de novos olhares, novas sensibilidades, novas possibilidades que impliquem verdadeiras transformações, mais que geopolíticas. Aqui me referi, várias vezes ao nosso tecido socioafetivo e educativo, com amplo destaque para as nossas relações. No entanto, como Equipe Diretiva, somos conscientes de que iniciativas não nascem espontaneamente. Precisam ser provocadas, retirar-nos de nossas zonas de conforto, para produzirmos agenciamentos coletivos. Terminando, deixando algumas perguntas: nesse percurso proposto, onde nos reconhecemos? Quem queremos ser? O que nos cabe fazer? Aonde desejamos chegar? O que tudo isso que temos vivido revela de nós e do que podemos ser? Enfim, que espaço nossos afetos e nossas percepções deixam para a manifestação da nossa liberdade? Como vai se dar o nosso agir livre e coerente no mundo que queremos construir com nossas condições de possibilidade? A aplicação dos sentidos faz-se muito necessária neste exame que precisa ser diário. É o corpo todo que está participando da vida: olhos e ouvidos bem atentos, tateando a existência, sentindo seus odores e saboreando internamente as coisas – como diria Santo Inácio de Loyola. Confiamos em vocês! Avancemos com toda coragem possível! Muito obrigado!